



# Só 6 dos 20 cursos top da USP vão usar Enem

Se proposta for aceita, 241 das 2.625 vagas mais difíceis seriam disputadas pelo exame

Victor Vieira



Das 20 carreiras com maior nota de corte na Universidade de São Paulo (USP) – 54 a 72 pontos de 90 possíveis –, apenas seis terão reserva de vagas para candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), segundo proposta da Pró-Reitoria de Graduação. Medicina e Psicologia, na capital e em Ribeirão Preto, Direito e Engenharias na Escola Politécnica são as carreiras de ponta para as quais o Enem foi sugerido.

Para valer, a mudança no vestibular ainda depende do aval das faculdades e dos conselhos superiores da instituição. O documento em que a pró-reitoria recomenda uma proporção de vagas pelo exame para cada curso foi obediência ao Estado. A ideia da USP é que essas cadeiras sejam ofertadas só para candidatos da rede pública pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), plataforma digital que reúne vagas do ensino superior público. A falta de vagas reservadas deve variar para cada curso e a USP prevê a mudança já para este vestibular.

A meta da universidade é ter, até 2018, metade de alunos de escola pública, com 35% de pretos, pardos e indígenas (PPI). O uso do Enem é uma aposta para cumprir o objetivo. A USP não usa cotas, mas bônus no vestibular para candidatos de rede pública e PPI. A nova proposta, com o Enem, não prevê recorte de renda ou classe.

Caso a sugestão seja aceita, 241 das 2.625 vagas das carreiras mais difíceis seriam disputadas pelo exame federal. É justamente nos cursos de elite em que a USP enfrenta maior dificuldade

de para promover inclusão.

Das graduações top, a "cota" máxima via Enem é de 20% do total de cadeiras, caso da Faculdade de Direito da capital. Na graduação de Medicina, em São Paulo, a taxa é de 14,3%; e na Medicina de Ribeirão Preto é de 15%. Nos cursos da Escola Politécnica, a proposta é de 10%.

As faculdades têm até o dia 12 para debater e responder à pró-reitoria. Devem indicar quais notas mínimas no Enem seriam usadas. As discussões nos conselhos superiores serão feitas até o fim deste mês.

Na média da USP, 14,9% das 11.057 vagas seriam reservadas. Das 42 unidades, 28 já se mostraram favoráveis ao Enem. Para definir a proporção de vagas, a pró-reitoria considerou a concorrência na Fuvest, a taxa de inclusão de alunos de escola pública e o interesse da unidade.

**Divisão.** A Escola de Comunicações e Artes (ECA) e a Escola de Engenharia de São Carlos, que abrigam nove das carreiras mais disputadas, optaram por manter como forma de ingresso apenas a Fuvest. As unidades poderão rediscutir o tema neste mês. Para cursos com prova específica, como Arquitetura, o Enem foi descartado.

As Faculdades de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) e de Odontologia, de acordo com o documento, são outras que rejeitaram o exame. A licenciatura em Ciências Exatas, ministrada em São Carlos, tem a maior cota via Enem: 50%. Procurada, a USP não comentou a proposta.



### NA WEB

Lista. Veja a 'cota' Enem nos cursos mais difíceis

[estadão.com.br/usp/enem](http://estadão.com.br/usp/enem)



Oportunidades. 'Diminui o nervosismo. É bem melhor fazer a prova sabendo que há outra chance', afirma Juanitha (à dir.)

## Alunos aprovam ideia, mas dizem que a concorrência não diminuirá

'A tendência é acabar o vestibular', afirma ex-pró-reitor da Unicamp; para professor da Uerj, há risco de elitização

A reserva de vagas da Universidade de São Paulo (USP) para candidatos do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), segundo vestibulandos, deve aumentar as chances de aprovação. Especialistas, porém, dizem acreditar que, para alcançar metas de inclusão, a estratégia não deve ser totalmente eficaz.

Ex-aluna da rede pública, a vestibulanda Juanitha Brito, de 18 anos, gosta da ideia de mudança e reclama da complexidade da Fuvest. "Já o Enem é uma prova diferente, que não avalia só o conteúdo, mas outras habilidades, como de interpretação de texto", afirma. Ela pretende cursar Direito na USP.

Outra vantagem é ter duas oportunidades no mesmo ano. "Diminui o nervosismo. É bem melhor fazer a prova sabendo

### Mudança de regras faz cair número de inscritos

● O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) registrou 7.331 milhões de inscritos até as 18 horas de ontem, quando o Ministério da Educação (MEC) divulgou o último balanço. Como as inscrições só terminariam às 23h50, o resultado é preliminar. A prova será realizada nos dias 24 e 25 de outubro.

No balanço divulgado pela pasta logo após o fim do prazo de cadastro na edição de 2014, foram 9,518 milhões de inscritos.

que há outra chance", diz a jovem, que não conseguiu passar na Fuvest em 2014.

A concorrência pela vaga, porém, não deve diminuir. "Muitos deixam de prestar a Fuvest porque não são de São Paulo ou de outras cidades onde é feita a prova. Como o Enem é em todo

O total deste ano é 23% menor do que no ano passado, que teve recorde de inscrições. O número final de 2015 deve ficar próximo do de 2013, quando 7,834 milhões se cadastraram. Para confirmar o cadastro, é preciso pagar a taxa de inscrição.

A participação menor já era esperada. O MEC aumentou o valor de inscrição, de R\$ 35 para R\$ 63, e criou regra para inibir faltosos, com cobrança de taxa na edição seguinte, caso a ausência não seja justificada. As mudanças, além de uma nota de corte para acesso ao Financiamento Estudantil (Fies), pesaram para que o exame tivesse menos interessados.

o País, agora vão poder tentar." Isso não preocupa Milene Saraiva, de 17 anos, interessada em Medicina. "Já é concorrido de qualquer jeito", diz. "Meu foco é o vestibular, independentemente de qual for", afirma. A jovem fez o ensino médio em escola privada, mas com 100% de

bolsa. Ela espera que, em casos como o seu, também seja possível tentar a vaga com o Enem.

**Desafios.** De acordo com Marcelo Knobel, ex-pró-reitor de Graduação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a mudança é positiva. "O Enem traz para a USP mais potenciais candidatos e favorece a mobilidade", diz.

"A tendência é, aos poucos, acabar o vestibular como conhecemos", afirma. A política de bônus na prova, segundo ele, "chegou ao limite" e não será suficiente para atingir as metas.

João Feres Júnior, pesquisador sobre ações afirmativas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), alerta sobre o risco de incluir só a elite da escola pública. "Vão trazer alunos brancos de classe média."

Ele diz acreditar que as vagas, principalmente nos cursos mais concorridos, serão disputadas por egressos de escolas públicas de ponta de todo o País, como colégios de aplicação. A Lei de Cotas das universidades federais prevê critérios de renda e de raça para reservar vagas. O movimento estudantil propõe cotas já para o próximo vestibular, mas a pró-reitoria sinalizou que o debate será feito somente depois. Procurada, a USP não comentou. **r.w.**